

## CARTA DO RECIFE DO FUTURO PARA O RECIFE DE 2021

### Águas como patrimônio de uma cidade anfíbia em reinvenção

15 de outubro de 2021.

Sou a cidade do Recife. Meu corpo tem história, é repleto de marcas e memórias. Rio, mangue e mar foram os primeiros a me formar. Meu nome revela minha origem nas pedras dos arrecifes de arenito que brotam na soleira da porta do mar, ricas de corais, alguns deles só encontrados por aqui.

Sou a capital mais antiga do Brasil, aquela que implantou o primeiro Plano Urbanístico das Américas, como missão pioneira dos holandeses, no século XVII. Em 2037, completei 500 anos. Mas essa não é a minha verdadeira idade como lugar. Antes de chegarem os europeus, os nativos já me habitavam e me frequentavam como viveiro de peixes que fui.

Nasci aquática, da mistura de águas doces, salgadas e salobras. Sou fruto direto da relação com meus cursos e corpos de água. Entretanto, com o tempo, essa relação se inverteu, e foram me transformando numa cidade de costas para os rios. As minhas águas doces foram esquecidas e se transformaram em espaços residuais. Nesse processo, minha planície encharcada foi aos poucos secando pelos aterros recobertos de edificações. Esquecer as águas que me originaram trouxe grandes problemas. Eu seria a primeira cidade brasileira a sucumbir com o aumento do nível do mar, caso mudanças substanciais na forma de me compreender e, conseqüentemente, replanejar, reconstruir e reprojeter não acontecessem. Eu, o Recife, era a 16ª cidade mais vulnerável do planeta, segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC/ONU), em 2014.

Sempre carreguei uma feição hídrica, e alguns reconheciam isso. Não por acaso, estudiosos como Josué de Castro e Valdemar de Oliveira, em meados do século XX, já me chamavam de “cidade anfíbia”. Embora algumas pessoas tivessem esse entendimento, era necessário que todos os meus habitantes se conscientizassem de que as águas são condição de minha existência, fazem parte de minha natureza e que, por isso, era necessário estabelecer uma convivência harmônica, na qual proteção e adaptação seriam imprescindíveis para minha sobrevivência.

E foi pensando nas questões climáticas que várias discussões foram iniciadas e ganharam força nos anos 2000. Em 2011, um importante movimento chamado Recife Exchange Amsterdam (RXA), em que se reuniram profissionais do Brasil e dos Países Baixos, deu um enorme passo quando através de uma visão holística sobre mim, conseguiram me interpretar como Recife Árvore D'Água. Ao me observarem numa vista aérea, foi revelada a forma de uma árvore, em que as raízes são o mar, o tronco é o encontro das bacias hídricas, os galhos são meus rios, e as folhas e frutos são as pessoas inseridas em movimentos sociais. A partir dessa visão, concluíram que eu deveria ser reinventada com base no entendimento de que a natureza – meus rios, mangues, córregos, mar e vegetação – precisava ser aceita e acolhida. Só então, poderia acontecer a minha verdadeira transformação.

Foi aí também que nasceu a ideia de me transformarem em cidade-parque, começando por planejar o Parque Capibaribe, somado ao Parque Beberibe, Parque Tejiipi e Parque Marinho, com a meta de, em 2037, eu estar em pleno processo de reinvenção.

O segundo encontro, em 2019, chamado de Recife Exchange Holland (RXH), repensou meu Centro Histórico como centro da cidade-parque. O terceiro, em 2021, denominado Recife Exchange Netherlands (RXN), elegeu o tema Águas como Patrimônio: estratégias patrimoniais para os desafios das águas no Recife e nos Países Baixos. Nesse caso, explicitamente, a emergência desses encontros passou a conduzir as reflexões e os estudos sobre o aquecimento global e o aumento do nível dos oceanos.

A partir dos debates entre pesquisadores e técnicos dos dois países, passou-se a pensar em formas de me proteger e de me adaptar às águas que, historicamente, sempre me constituíram. As pessoas que aqui vivem começaram a se preocupar com o avanço dos mares e em como esse fenômeno poderia afetar suas vidas. E, assim, em plena pandemia da Covid-19, o mundo se viu forçado a repensar seus modos de vida, o que exigiu profunda mudança na relação com o planeta.

Foi necessário me adaptar e me proteger. Mas, para isso, meus habitantes tiveram que tomar algumas iniciativas. Consultei vários especialistas que estavam pensando em mim. Primeiro, entendi que as pessoas precisavam conhecer e compreender qual era o problema que me atingia. Um dos especialistas enfatizou que as mudanças climáticas são uma questão global, que trazem conseqüências distintas para diferentes regiões do planeta e que, por isso, ações precisavam ser pensadas de uma maneira sistêmica, respeitando-se as especificidades de cada região.

Pode-se dizer que o oceano funciona como um sistema de refrigeração para a região tropical e de aquecimento para a região temperada, e o que faz as trocas térmicas são as correntes oceânicas. O problema passou a existir pela desregulação desse sistema: retivemos mais calor, diminuindo o processo de transferência, e, dessa forma, sem controlar essa troca, o equilíbrio do sistema interconectado começou a falhar.

Uma particularidade é que estou localizada na região tropical, na borda oeste do Atlântico, num dos pontos-chave em que se pode monitorar com mais exatidão o padrão de transporte de transferência de calor da região tropical para os polos.

O que estava previsto para acontecer e o que vinha acontecendo, especialmente ao longo dos anos 2000, era a elevação do nível médio do mar e a ocorrência de chuvas extremas, que passaram a acontecer com mais frequência. O grande motor e a grande chave para resolver essas questões passam pelos oceanos. Não é à toa que a Organização das Nações Unidas considerou o período 2021–2030 como a década dos oceanos. O entendimento sobre eles, assim como sua proteção e sua conservação, tem importância muito grande: 2/3 do nosso planeta é recoberto pelos oceanos. E, para mim, as últimas previsões anunciavam dois horizontes preocupantes: em 2050, o nível dos mares subiria cerca de 1 m, e, em 2100, essa cota de elevação chegaria a 2 m, o que significava atingir toda a planície.

Entendendo minha situação, outros especialistas contaram quais seriam as possíveis soluções em curto, médio e longo prazos. Disseram-me que uma das ações em curto prazo seria diminuir os impactos das mudanças climáticas pela redução das ilhas de calor. Como toda grande cidade gera ilhas de calor, isso poderia ser amenizado com o plantio de mais vegetação, com a criação de mais espaços públicos arborizados, com a renaturalização de cursos de água, com mais espelhos de água para auxiliar a drenagem, bem como com a redução da queima de combustível fóssil. Também seria importante não ocupar as margens dos rios, riachos e canais para permitir que as águas se espriassem quando fosse necessário, além de não aterrar os manguezais, ecossistemas que ajudam a amortecer os impactos dos alagamentos. Tenho capilaridade com minha rede de rios, riachos, canais e solos ainda não impermeabilizados, condição que possibilitaria a minha adaptação. Mesmo assim, meu risco de submergir era real.

Sugestões estratégicas de longo prazo também me foram apontadas. Seria preciso: devolver às minhas águas os espaços que antes lhes pertenciam; planejar novas edificações, levando em conta os impactos que poderiam acontecer com o aumento do nível do mar; criar mecanismos de adaptação e convivência com os alagamentos; e, finalmente, planejar rotas de fuga para o caso de eventos extremos. Foi muito importante saber que cientistas e técnicos estavam estudando sobre minha natureza e as condições de minha existência. E também conhecer essas alternativas e cuidados para que minhas águas fossem não só respeitadas, mas revitalizadas. Foi bom compreender que todo esse movimento ambiental estava apontando para o início de um processo de conscientização integrado aos movimentos de combate às desigualdades sociais e para a adoção de novos paradigmas econômicos, a exemplo da economia verde e circular.

A conversa com os especialistas me mostrou que estávamos em um momento em que não nos era mais permitido pensar de modo fragmentado, ou individual. Os acontecimentos revelaram que nossa responsabilidade tem dimensão global. Assim, as perspectivas da minha existência também tinham dimensão global. O que implica afirmar que o que é feito aqui contribui para uma situação planetária e que o que acontece no planeta tem reflexo aqui. O grande desafio de todos foi aprender a pensar e agir de forma sistêmica.

Hoje, reconheço que a minha reinvenção só foi possível quando as pessoas se organizaram em movimentos ambientais, econômicos, políticos e culturais na construção de uma nova ética diante do mundo. Penso que a visão urbanística, traduzida em um projeto de cidade, sintetiza a materialidade e a imaterialidade presentes no clamor desses vários movimentos cidadãos, força motriz das transformações.

Diante disso, observo que a convergência dos saberes científicos e populares revela a essência de uma cidade. Imagino-me servindo como laboratório de experimentações e inovações capaz de contribuir com o planejamento das futuras gerações, articulado com uma rede colaborativa e integradora do local com o global. E, assim, busco responder aos desafios de um mundo em convulsão, onde cidades podem ser compreendidas como células de um planeta em reinvenção.

Eu, o Recife anfíbio, sou a cidade dos corpos de água, célula do planeta Terra, planeta Água, planeta Mãe; reaprendi a viver como sistema, entender-me como unidade e parte de um conjunto. Precisei realinhar-me, alinhar-me com outras cidades e, sobretudo, com a natureza, razão da minha existência. Por me constituir essencialmente de águas, reconheço-as como patrimônio. É preciso conservá-las!

Sou um corpo anfíbio e pulsante. Meu futuro depende de cada um de vocês no exercício contínuo do entendimento e respeito às condições do legado que a natureza nos deixou.

Ass.: Recife do Futuro

